



Cinema & Território

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

VOL. 2 | N.º 11 | 2026

AUTORIA VS ALGORITMOS

Editorial

António BAÍA REIS, Guida MENDES, Inês REBANDA COELHO & Teresa NORTON DIAS

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt>

DOI: 10.34640/ct11uma2026editorial

ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

Baía Reis, A., Mendes, G., Rebanda Coelho, I. & Norton Dias, T. (2026). Editorial. *Cinema & Território*, (11), 06-09. <http://doi.org/10.34640/ct11uma2026editorial>

12 de agosto de 2026



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

EDITORIAL¹

Há algo de inevitavelmente revelador nesta edição. Concebida a partir de uma chamada dedicada às relações entre cinema e inteligência artificial, acabou por acolher um conjunto de textos que, à primeira vista, parecem deslocar-se desse eixo temático para territórios mais amplos: memória, psicanálise, arquivo, sexualidade, velhice, cidade, pedagogia, família, colonialidade ou violência político-territorial. O desvio existe - e talvez seja importante assumi-lo sem subterfúgios.

O primeiro impulso editorial poderia ser o de justificar essa dispersão através de uma elasticidade conceptual excessiva, tentando encontrar artificialmente vestígios de “IA” em todos os artigos aqui reunidos. Contudo, talvez o gesto mais honesto seja precisamente o contrário: reconhecer que esta edição excedeu a sua própria convocatória e que esse excesso não constitui, necessariamente, um fracasso crítico, mas um sintoma do próprio estado contemporâneo das imagens e das formas de pensamento sobre o cinema.

Se, por um lado, a IA surgiu, nos últimos anos, como promessa tecnológica, ameaça epistemológica ou fascínio industrial, por outro, produziu um efeito de ajustamento discursivo: durante algum tempo, parecia que toda a reflexão sobre o audiovisual teria obrigatoriamente de passar pelos algoritmos, pela automatização ou pela crise da autoria. Contudo, os textos recebidos - e agora publicados - parecem responder, talvez involuntariamente, com uma espécie de resistência metodológica. Em vez de um cinema dominado pela máquina, emerge aqui um cinema atravessado pela memória, pelo corpo, pela subjetividade, pela violência simbólica, pelos afetos e pelas disputas de representação.

Nesse sentido, esta edição acabou por tornar visível uma tensão particularmente fértil: quanto mais o discurso contemporâneo insiste na emergência de inteligências artificiais, mais o campo dos estudos cinematográficos parece regressar à fragilidade profundamente humana das imagens. É significativo, que um texto dedicado a Silvio Tendler insista no arquivo como campo de disputa histórica; que outros regressem às dinâmicas psíquicas e conjugais, às velhices LGBTQIAP+, às territorialidades urbanas ou às corporalidades *queer* e pós-humanas. Mesmo quando a tecnologia surge explicitamente, aparece mais como triunfo técnico do que como problema ético, político ou memorial. A máquina, afinal, não substitui o humano: reabre as suas feridas.

Talvez por isso os artigos aqui reunidos revelem algo mais interessante do que uma adesão literal ao tema inicialmente proposto. Revelam uma inquietação transversal perante regimes contemporâneos de imagem, poder e representação. Alguns textos aproximam-se diretamente das questões do artificial, do pós-humano ou das mediações tecnológicas; outros parecem afastar-se deliberadamente delas. Mas é justamente nesse movimento centrífugo que a edição encontra a sua coerência mais profunda. Afinal, a história do cinema sempre se construiu a partir de contaminações, deslocamentos e crises de fronteira. O cinema nunca foi apenas sobre técnica, mas também, sobre memória, ideologia, desejo, arquivo, pedagogia e projeção social.

Há, portanto, um pequeno *mea culpa* editorial a assumir: a chamada não delimitou um território - abriu um campo de reverberações que talvez nem nós próprios tivéssemos antecipado completamente. Contudo, seria redutor ler esta heterogeneidade apenas como dispersão temática. Ela reflete, antes, a impossibilidade contemporânea de pensar o cinema a partir de um único centro organizador. A Inteligência Artificial não surgiu isoladamente; inscreve-se, porém, num ecossistema mais vasto de transformações

¹ Texto concebido com o apoio do ChatGPT.

culturais, afetivas, políticas e epistemológicas. Os artigos aqui presentes, mesmo quando aparentemente tangenciais, ajudam-nos precisamente a compreender esse ecossistema.

Esta edição acaba, assim, por dizer menos sobre a consolidação de um campo e mais sobre a sua instabilidade produtiva. Entre arquivos e algoritmos, entre corpos artificiais e memórias coletivas, entre psicanálise, território, pós-humanismo e representação social, o que emerge não é uma resposta unívoca à questão da Inteligência Artificial no cinema, mas um mapa fragmentário das inquietações que hoje atravessam o pensamento audiovisual contemporâneo. É nessa fragmentação - mais do que numa coerência rígida - que reside a honestidade crítica desta publicação.

A Comissão Editorial

EDITORIAL¹

There is something inevitably revealing about this issue. Conceived in response to a call for papers dedicated to the relationship between cinema and artificial intelligence, it ultimately brought together a collection of contributions that, at first glance, appear to move away from that thematic axis towards broader territories: memory, psychoanalysis, archives, sexuality, ageing, the city, pedagogy, family, coloniality and political-territorial violence. Such a shift undoubtedly exists - and perhaps it is important to acknowledge it without subterfuge.

The first editorial impulse might have been to justify this apparent dispersion through an excessively elastic conceptual framework, artificially seeking traces of “AI” in every article gathered here. Yet perhaps the more honest gesture is precisely the opposite: to recognise that this issue has exceeded the scope of its original call and that such an excess does not necessarily represent a critical failure, but rather a symptom of the contemporary condition of images and of the ways in which cinema is currently being thought about.

While artificial intelligence has emerged in recent years as a technological promise, an epistemological threat and an object of industrial fascination, it has also produced a discursive adjustment: for a time, it seemed that every reflection on the audiovisual field would inevitably have to pass through algorithms, automation or the crisis of authorship. Yet the articles received - and now published - appear to respond, perhaps unintentionally, with a form of methodological resistance. Instead of a cinema dominated by the machine, what emerges is a cinema shaped by memory, the body, subjectivity, symbolic violence, affect and struggles over representation.

In this sense, the present issue has come to reveal a particularly productive tension: the more contemporary discourse insists upon the emergence of artificial intelligences, the more the field of film studies seems to return to the profoundly human fragility embedded within images. It is significant that an article devoted to Silvio Tendler approaches the archive as a site of historical contestation; that others revisit psychic and conjugal dynamics, LGBTQIAP+ ageing, urban territorialities, or queer and posthuman corporealities. Even when technology appears it functions less as an ethical, political or mnemonic problem than as a technical triumph. The machine, after all, does not replace the human; it reopens its wounds.

Perhaps then the articles gathered here reveal something more interesting than a literal adherence to the theme initially proposed. They reveal a shared unease concerning contemporary regimes of image, power and representation. Some contributions engage directly with questions of the artificial, the posthuman and technological mediation; others seem deliberately to distance themselves from them. Yet it is precisely within this centrifugal movement that the issue finds its deepest coherence. After all, the history of cinema has always been shaped by contaminations, displacements and crises of boundaries. Cinema has never been solely about technology; it has also been about memory, ideology, desire, archives, pedagogy and social projection.

There is, therefore, a modest editorial “*mea culpa*” to acknowledge: the call for papers did not delimit a territory - it opened a field of reverberations that perhaps even we had not fully anticipated. Yet it would be reductive to interpret this heterogeneity merely as thematic dispersion. Rather, it reflects the contemporary impossibility of thinking about cinema through a single organising principle. Artificial intelligence did not emerge in isolation; it is embedded within a broader ecosystem of cultural, affective, political and

¹ Text developed with the support of ChatGPT.

epistemological transformations. The articles presented here, even when apparently tangential, help us to understand precisely that ecosystem.

This issue therefore says less about the consolidation of a field than about its productive instability. Between archives and algorithms, artificial bodies and collective memories, psychoanalysis, territory, posthumanism and social representation, what emerges is not a definitive answer to the question of artificial intelligence in cinema, but rather a fragmented map of the concerns currently traversing contemporary audiovisual thought. It is within this fragmentation - rather than in any rigid coherence - that the critical integrity of this publication ultimately resides.

The Editorial Board